

Casas velhas

Há uns anos, um velho mestre da reabilitação (repare-se como o politicamente incorrecto “velho” resulta melhor do que “antigo” antes da palavra “mestre”) sensibilizou uma plateia de alunos com uma história deliciosa: “Numa pequena povoação inglesa, havia uma velha torre medieval em semi-ruínas. Tradicionalmente,

Despertamos hoje para a madrugada do pós- crise internacional. Entre os escombros da onda que varreu a Terra emergem, como *sarcófagos caídos*, as casas antigas. Duas ou três décadas atrás poder-se-ia pensar que as antigas casas portuguesas chegariam ao séc. XXI cobertas de musgo e lianas como templos perdidos em selvas equatoriais. Nada mais falso: de Norte a Sul poucos conjuntos edificados escaparam à voragem renovadora dos anos 90. Quase tudo foi “arranjado e melhorado”.

Quem hoje percorrer o país, já não o faz por veredas muradas de alvenarias tradicionais, onde aqui e ali espregitam, por entre janelas de arbustos, velhos solares portugueses. Vinte anos de intervenção selvática deixaram tudo muito limpo de tudo aquilo que era bom e característico nas velhas casas.

Agora qualquer *chasso* do séc. XIX se apresenta como do XVII ou anterior (a lata!). Tudo em nome de um posicionamento estratégico para alimentar o negócio de casamentos e outros eventos. No fundo, a culpa é do conceito “antigo”, que foi vilipendiado com intuídos comerciais, para não dizer pior do que isso.

Poucas são hoje as casas que merecem a honrosa designação de «casa velha». Portugal está, por outro lado, a abarrotar de «casas antigas», todas muito arranjadas. O exagero de barras tradicionais pintadas em socos e cunhais só rivaliza com a construção de escadarias rústicas (estilo churrasqueira) de acesso a um qualquer terreiro, onde os novos proprietários foram encorajados por velhos empreiteiros a instalar uma gigantesca tenda transparente –

tudo muito *catering* e tudo muito Antigo.

As pirâmides do Egipto não são antigas mas sim velhíssimas construções. Os castelos são velhos, os muros são velhos e a Sé (qualquer uma) é velha como ela. Se quer antigo vá ao antiquário. Como contava o Nogueira Vaz com a graça sarcástica



todos os casais tinham uma história de namoro ligada à velha torre, sendo por isso considerada muito importante entre a população local. Quando se concluiu que a torre perigava colapsar sem uma intervenção de consolidação, a autarquia decidiu salvaguardar o imaginário colectivo conjuntamente com o património edificado. Assim, a torre foi estruturalmente consolidada sem nenhum acrescento de circunstância, tendo havido o cuidado de deixar plantas trepadeiras e outros elementos caracterizadores, embora uma limpeza integral se afigurasse como garantia de maior durabilidade. A ruína continuou com aspecto de ruína, que era, no final de contas, o que todos desejavam e foi classificada como “pleasant decay” – figura de salvaguarda de património que por cá, estão a milhas de imaginar.”



que o caracteriza: “Antigo, antigo... só por encomenda.”

Se não obstante este modesto esclarecimento, se procura casas antigas na *net* recomendo os sítios www.ap-casas-antigas.pt e www.solares-deportugal.pt.

ANTÓNIO PEREIRA COUTINHO,
Arquitecto